

Uma Didática Sensível para Despertar a Responsabilidade e Respeito Pelos Animais em Crianças: um Relato de Experiência

A Sensitive Didactics to Awaken Responsibility and Respect for Animals in Children: a case study

Danielle Ribeiro Rocha
ORCID: [0000-0001-5359-2079](https://orcid.org/0000-0001-5359-2079)

Gabriele Marisco
ORCID: [0000-0002-8301-8673](https://orcid.org/0000-0002-8301-8673)

Resumo

O presente relato de experiência descreve a realização de oficinas didáticas que foram realizadas com crianças em um ambiente não formal de ensino, visando o respeito pelos animais. As oficinas foram baseadas na didática sensível, onde foram pontuadas quatro fases relevantes para as práticas educativas no contexto em questão: sentir, contemplar, imaginar e, por último, criar. Sendo assim, foram desenvolvidas atividades lúdicas e artísticas com potencial para despertar a criatividade e o interesse das crianças. Ao final das oficinas, evidenciou-se que abordar temas voltados para os animais não humanos dentro da proposta da Educação Ambiental visando a Saúde Única, englobando Ciência e Arte, traz elementos que são contribuintes para estabelecer boas relações das crianças com os animais, sendo possível reforçar o pertencimento do coletivo, o cuidado e o respeito.

Palavras-chave: Didática Sensível; Educação Ambiental; Saúde Única; Educação não formal.

Abstract

This case study describes the realization of didactic workshops that were carried out with children in a non-formal teaching environment, aiming at respect for animals. The workshops were based on sensitive didactics, where four relevant phases for educational practices in the context in question were scored: feeling, contemplating, imagining and, finally, creating. Thus, playful and artistic activities were developed with the potential to awaken children's creativity and interest. At the end of the workshops, it became evident that addressing themes focused on non-human animals within the proposal of Environmental Education aiming at Unique Health, encompassing Science and Art, brings elements that are contributing to establish good relations between children and animals, being possible to reinforce the collective's belonging, care and respect.

Keywords: *Sensitive Didactics; Art and Science; Environmental Education; Unique Health; Non-formal Education.*

1. Introdução

Os animais não humanos são seres vivos que, muitas vezes, mantêm um contato próximo com o ser humano. Eles sentem dores e são sensíveis a maus tratos, sendo um dos motivos pelo qual deve haver uma relação respeitosa entre o homem e os animais não humanos, visando o bem comum entre todos e a manutenção de um ecossistema equilibrado (LAMBACH; FERREIRA, 2018).

Nesse sentido, é possível abordar temas voltados para os animais através da Educação Ambiental, uma ferramenta importante na preservação dos ecossistemas, que possibilita incentivar reflexões críticas sobre o direito dos animais e a relação do ser humano com animais não humanos, além de favorecer mudanças no modo como os animais são tratados (ORSELLI; CONTE, 2019).

Além disso, é possível trabalhar com a Educação Ambiental visando a Saúde Única. Segundo Cirne e Cabrera (2019), a Saúde Única é uma abordagem que une a saúde humana, animal e ambiental, sendo um conceito que merece atenção por favorecer a interdisciplinaridade profissional e o conhecimento em saúde, possibilitando que a comunidade seja orientada em diversos aspectos, inclusive na posse responsável dos animais, vacinação, vermifugação e prevenção de zoonoses.

É importante trabalhar essas temáticas com crianças porque os animais despertam interesse e atenção por estarem presentes na vida e no imaginário das crianças; no primeiro caso, com a presença de animais domésticos e, no segundo caso, com animais da megafauna que estão presentes em desenhos e histórias infantis, como tubarões e leões (FAGIONATO-RUFFINO; IKUNO; RUFFINO, 2015).

E para realizar a abordagem, é possível utilizar a Arte, que, com seu processo criativo e lúdico, dialoga com a Ciência e proporciona práticas pedagógicas e recursos didáticos que beneficiam o processo de ensino e aprendizagem, enriquecendo a linguagem científica e artística, resgatando características que, muitas vezes, são oprimidas e favorecendo valores humanos (SILVA *et al.*, 2018).

Por fim, as atividades de Educação Ambiental visando a Saúde Única podem ser realizadas através da educação formal, não formal ou informal. Cascais e Terán (2014) diferenciam essas modalidades da educação, ressaltando que a educação formal é institucionalizada e estruturada de forma metódica; a educação informal é um processo permanente que ocorre ao longo da vida em diferentes espaços e envolve aspectos culturais; a educação não formal é estruturada de forma organizada e promovida em espaços coletivos, ocorrendo a partir das experiências entre pessoas.

Em relação à educação não formal, Carmo e Menezes (2020) afirmam que essa modalidade de educação desempenha um papel importante para o público envolvido, tornando-o apto

para lidar com diferentes questões e favorecendo o desenvolvimento de diferentes habilidades que envolvem o convívio e a socialização com outras pessoas dentro e fora da escola. Ela pode acontecer em diferentes espaços, inclusive em espaços não escolares, que podem promover ações atrativas que os espaços de educação formal normalmente não conseguem, motivo pelo qual o público envolvido participa e permanece no desenvolvimento das atividades por interesse próprio.

Sendo assim, é viável realizar práticas que envolvam Educação Ambiental e a integração Ciência e Arte em um ambiente não formal de ensino, onde são considerados aspectos do cotidiano e da relação homem/natureza, construindo o conhecimento considerando a pesquisa científica e as produções artísticas.

Nesse sentido, este artigo tem o objetivo de relatar a experiência de oficinas didáticas realizadas com crianças em um ambiente não formal de ensino, visando à Educação Ambiental para a promoção da Saúde Única e o respeito pelos animais por meio de atividades lúdicas e artísticas.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo e qualitativo, do tipo relato de experiência. Foi realizado a partir de oficinas que aconteceram no período de setembro a outubro de 2020, em uma Escolinha de Educação Ambiental para crianças que faz parte de um Projeto de Trabalho Social (PTS) realizado em residenciais do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) em Vitória da Conquista – Bahia.

O PMCMV foi um programa de habitação federal realizado para possibilitar uma casa própria para famílias de baixa renda. O PTS, por sua vez, é um projeto que possui o objetivo de promover a participação social e melhorar as condições de vida dos moradores dos residenciais, sendo realizado pela Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista em conjunto com a Caixa Econômica Federal. Para isso, uma empresa privada foi contratada para desenvolver as ações em 12 residenciais, contando com uma equipe multidisciplinar, incluindo pedagogos, assistentes sociais e biólogos.

A Escolinha de Educação Ambiental é parte do eixo de Educação Ambiental e Patrimonial, sendo constituída por oficinas educativas para crianças de 3 a 11 anos de idade que moram nos residenciais contemplados pelo projeto. Nesse estudo, é relatada a experiência de oito encontros que ocorreram semanalmente nos quiosques de quatro residenciais do loteamento Jatobá (zoneamento Campinhos), do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) em Vitória da Conquista – Bahia.

Três dos residenciais onde as atividades ocorreram são conjugados e compartilham parte da estrutura da fachada. Apenas o quarto residencial não é colado nos outros, estando a 1 km de distância. Assim como os outros conjuntos habitacionais do PMCMV, esses quatro residenciais estão localizados em um bairro periférico da cidade, mantendo um padrão de segregação urbana

e estando em uma situação economicamente vulnerável, pois há ausência de ações afirmativas que contribuam para melhorar as condições sociais da população do residencial, bem como para o seu entorno.

Nesses quatro residenciais, a mediação das atividades foi realizada por uma bióloga licenciada pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Partindo da premissa de que o professor não é apenas transmissor do conhecimento e deve atuar como mediador do conhecimento, o termo “mediadora” é utilizado para referir-se à professora. Segundo Bulgraen (2010), ensinar não é transferir conhecimento, e um professor mediador do conhecimento é aquele que se coloca como um elo entre o aluno e o conhecimento, permitindo que o aluno participe ativamente do processo de ensino e aprendizagem, tendo acesso a conhecimentos de forma crítica.

As oficinas foram realizadas com oito turmas de vinte alunos, sendo duas turmas por residencial, uma no turno matutino e a outra no vespertino. As turmas do turno matutino eram formadas por crianças de três a seis anos e as turmas do turno vespertino por crianças de sete a onze anos. Sendo assim, cerca de 160 crianças participaram das atividades.

Os procedimentos metodológicos adotados tentaram aproximar-se da teoria didática sensível proposta por Cristina D’ávila (2021), que abrange quatro fases (sentir, imaginar, experivivenciar/ problematizar, ressignificar/criar). Foram realizados quatro encontros por turma, com intervalo de uma semana, e em cada encontro foi proposta uma atividade inspirada nessa teoria.

A experiência está relacionada com o ato de experimentar, observar e vivenciar, sendo algo que se “experivivencia” através de um conjunto de saberes que são formados com as práticas de cada pessoa. O termo experivivenciar é uma junção das palavras experiência e vivência, proposto pela educadora Maria da Conceição de Oliveira Lopes (2016), e é utilizado por considerar que através da experiência as pessoas compartilham significados e favorecem a comunicação ao colocar em foco as suas vivências, potencializando a descoberta e favorecendo a comunicação, ludicidade e interação.

No primeiro encontro, a atividade desenvolvida esteve relacionada com a fase sentir, por possibilitar escutar e intuir. Inicialmente, ocorreu a apresentação dos alunos e foi realizada a dinâmica “Como eu me sinto quando...” como um ponto de partida para identificar o sentimento das crianças pelos animais e perceber qual relação elas mantêm com animais da fauna urbana que estão em seu cotidiano, como cachorros, gatos e insetos.

Para isso, as crianças receberam plaquinhas com uma carinha feliz na frente e uma triste no verso. A mediadora realizara questionamentos e as crianças deveriam levantar a plaquinha de acordo com o sentimento delas, sendo solicitado que elas explicassem o motivo pelo qual o que havia sido dito as deixavam tristes ou felizes.

A fase imaginar é relacionada com situações criativas e lúdicas que possibilitam a assimilação de conhecimento e a capacidade de imaginar, sendo uma fase propícia para a observação e transformação da realidade. Então, a segunda oficina foi realizada com um jogo da memória cujas cartas contêm imagens de animais, visando identificar e diferenciar os animais domésticos, da fauna urbana e animais selvagens, além de ressaltar algumas características e curiosidades dos animais.

No terceiro encontro, foi realizada uma oficina de desenho para incentivar que as crianças pudessem expressar suas relações com os animais, considerando o residencial em que vivem. Essa oficina estava de acordo com a fase experienciavivenciar/problematizar, sendo permitido relacionar a experiência da criança com o conhecimento adquirido na segunda oficina, utilizando a imaginação para visualizar a realidade.

Além disso, na fase ressignificar e criar, o objetivo é estimular a ressignificação do conhecimento e a criação autoral do aprendiz. Dessa forma, no último encontro, as crianças foram convidadas a produzir vasos de plantas com ornamentação de animais, utilizando garrafas PET, folhas de papel emborrachado, tesouras sem pontas, caneta hidrocor e cola branca, sendo que o momento artístico foi utilizado tanto para despertar a criatividade quanto para ressaltar a importância da reciclagem.

3. Resultados e Discussão

Durante a dinâmica “Como eu me sinto quando...”, relacionada com a fase sentir no primeiro encontro, foram realizados questionamentos (Quadro 1), e as crianças foram estimuladas a falar livremente sobre seus próprios sentimentos. Esse momento permitiu explorar o conhecimento prévio, impressões, opiniões e percepção das crianças sobre os animais presentes no cotidiano delas.

Quadro 1: Exemplos de questionamentos realizados na dinâmica

Como eu me sinto quando...
Como eu me sinto quando vejo alguém maltratando um animal?
Como eu me sinto quando vejo borboletas?
Como eu me sinto quando encontro um sapo no jardim de casa?
Como eu me sinto quando vejo um rato?
Como eu me sinto quando dou comida para um animal?
Como eu me sinto quando encontro um cachorro machucado na rua?
Como eu me sinto quando chego em casa e encontro meu animal de estimação?

Fonte: autoria própria.

Inicialmente, foi realizado um levantamento para verificar quem possuía animais domésticos e os questionamentos foram sobre animais domésticos, como os gatos, cachorros e coelhos.

A maior parte das crianças mostrou a plaquinha com o rosto feliz ao serem questionadas sobre ver os próprios animais e encontrar animais domésticos nas ruas, assim como mostraram a plaquinha com o rosto triste ao ouvir os questionamentos sobre maus tratos e abandono. Ao falar dos gatos, em todas as turmas houve crianças relatando algo negativo, afirmando que eles são bravos, comem os passarinhos dos pais e/ou sobem no telhado.

Em seguida, os questionamentos foram sobre outros animais da fauna urbana, como ratos, formigas, pombos, periquitos, corujas, beija-flores e sapos. As crianças demonstraram gostar bastante de aves e não gostar de insetos, apesar de apresentarem simpatia por borboletas. Afirmaram sentir nojo de ratos, animais cuja presença sempre é mal vista por trazer incômodos ao nosso dia a dia, sendo relatado em algumas turmas que os pais matam ratos com vassouras.

Outros animais mal vistos são os sapos e os morcegos, sendo que as crianças declararam ter medo de morcegos porque eles se transformam em vampiros e mordem as pessoas. Em relação aos sapos, afirmaram ter nojo porque são feios e ter medo porque os pais falam que o xixi do animal causa cegueira, além de informar que ao encontrar sapos, os pais jogam sal para espantá-los.

Ao presenciar a forma como os animais não humanos são tratados, as crianças adotam as práticas presenciadas e acabam reproduzindo o comportamento, sejam bons ou ruins, além de reafirmar isso em outros ambientes (ORSELLI; CONTE, 2019). Por esse motivo, ao final de cada questionamento, foram realizadas conversas para ressaltar a importância de estabelecer os cuidados necessários com os animais, mesmo aqueles indesejados nas nossas moradias, e sobre a valorização da fauna urbana que é importante para o meio ambiente.

Utilizando como exemplo a situação dos sapos, foi reforçado que os anuros estão incorporados ao nosso cotidiano como vilões, mas são animais benéficos e importantes para manter o equilíbrio da natureza, inclusive no controle das populações de insetos que tanto incomodam os moradores. Além disso, foi explicado que ao jogar sal sobre os sapos eles sentem dores, perdem a umidade e a capacidade respiratória, porque possuem uma pele sensível e também respiram por ela. Algumas crianças ficaram surpresas, questionaram se os sapos morriam ao ter contato com o sal e disseram que acreditavam que ao jogar sal nos sapos eles apenas iriam embora, sem ser prejudicados.

É importante registrar também os aspectos não verbais demonstrados pelas crianças enquanto falavam dos animais, uma vez que muitas alteravam as expressões faciais que refletiam as alterações emocionais. Os aspectos positivos na relação com os animais puderam ser notados em crianças que convivem com animais de estimação em casa, sendo que algumas crianças falaram sorrindo sobre os seus próprios animais de estimação. Outras crianças ficaram com os olhos marejados ao falar sobre situações desconfortáveis que envolvem o desrespeito com os animais.



Figura 2: Desenho realizado por uma criança participante. **Fonte:** autoria própria.

Sendo assim, ficou notável que a construção dos desenhos não se deu apenas por meio daqueles animais que as crianças costumam observar no cotidiano, sendo apresentados desenhos permeados por ideias do universo simbólico construído em outros ambientes, como dinossauros, um porco espinho azul fazendo referência ao desenho Sonic e desenhos de um lobo mau próximo a árvores.

Nesse sentido, além de favorecer a autonomia e a criatividade individual da criança, produzir desenhos é uma estratégia de ensino acessível por utilizar recursos simples como folhas de papel e lápis para colorir, assim como é favorável por possibilitar que o mediador do conhecimento conheça a percepção das crianças sobre os animais (MARISCO; LISBOA, 2021).

Enquanto as crianças mais novas responderam bem aos desenhos, algumas crianças mais velhas mostraram resistência comentando que não sabiam desenhar ou que desenhavam mal. Naquele momento, elas tinham a resistência como a única aliada e demoraram em se soltar um pouco.

No livro “Desenho da criança”, Maureen Cox afirma que a maioria das crianças pequenas costuma desenhar por prazer e recebem apoio dos professores, que consideram que essa atividade artística favorece o desenvolvimento infantil e não cobram que as crianças se preocupem com proporções. Entretanto, a disposição e desinibição desaparecem com o tempo porque as expectativas aumentam, fazendo com que as crianças relutem em desenhar por acreditar que precisam fazer isso de forma realista e por terem desenvolvido padrões exigentes (COX, 2007).

Com as reflexões feitas através do livro, em momento algum houve interferência na produção natural e espontânea dos desenhos das crianças, e aquelas que apresentaram resistência receberam apoio e ficaram livres para realizar as atividades quando sentissem que estavam preparadas, o que aconteceu na maioria dos casos.

No último encontro, inspirado pela fase ressignificar e criar, as crianças desenvolveram a atividade de construir seu próprio vaso para cultivar plantas (Figura 3). Nesse momento, elas foram auxiliadas a recortar as garrafas PET e ficaram livres para enfeitar as garrafas da forma que quisessem, estando à disposição alguns moldes de gatos, vacas, porcos e cachorros.



Figura 3: Materiais produzidos pelas crianças. **Fonte:** autoria própria.

Algumas crianças enxergaram outros animais nos moldes que foram disponibilizados, mostrando que possuem alguma proximidade com animais silvestres, ainda que por meio de imagens. Essa proximidade foi notada desde a realização do jogo da memória, em que as crianças compararam animais domésticos com animais selvagens.

Nesse momento, as falas da mediadora foram para responder a dúvidas e fazer questionamentos, nunca para invalidar a visão das crianças. Ao ver as produções em andamento, a primeira reação era perguntar o que estava sendo feito, pois é fácil confundir o que está representado em um desenho infantil. O molde poderia ser de um gato, mas algumas crianças visualizavam uma onça; então, elas eram questionadas sobre as características da onça, se já haviam visto, onde as onças podiam ser encontradas e se eram domésticas ou selvagens.

Sem competitividade, as crianças enfeitaram as garrafas PET de maneira singular e pessoal utilizando diferentes materiais. A maior dificuldade nesse momento foi com as crianças mais velhas que apresentaram mais dificuldade em arriscar e apontavam defeitos. Quando a crítica era sobre a própria arte, era reforçado que, até para fazer arte, é preciso ter paciência para obter resultados e que, apesar de nem tudo sair como o planejado, o inesperado não precisa ser ruim.

Considerando que cada pessoa compreende e interage com o mundo da sua própria maneira e as experiências lúdicas são capazes de potencializar a construção de conhecimentos e da subjetividade (CARDOSO; SOUZA; SILVA, 2019), quando suscitaram críticas ou interpretações inesperadas no que estava sendo produzido pelo colega, era ressaltado que precisamos respeitar e dar valor ao que outro faz, e que as interpretações diferentes fazem parte da capacidade de interpretação de cada um ao ter contato com outras realidades e visões de mundo.

Essa foi uma das atividades mais tranquilas, espontâneas e colaborativas, onde as crianças usaram a própria imaginação e criatividade. Foi possível identificar a empolgação e felicidade das crianças, que se expressaram abertamente sobre os animais escolhidos, bem como perguntaram

se já podiam plantar algo nos vasos ou se podiam levar para casa para poder guardar objetos como lápis de cor e maquiagens.

Então, ao desenvolver as atividades relatadas acima, inspiradas na didática sensível, foi possível observar que ao usar elementos que promovam sensibilidade, autonomia e reflexão, a formação das crianças é favorecida e elas utilizam a criatividade para expressar as suas emoções, sendo protagonistas no processo de ensino e aprendizagem.

Essas observações também são ressaltadas no trabalho de Marisco e Lisboa (2021), que consideram as atividades potencialmente lúdicas importantes porque proporcionam resultados favoráveis para a aprendizagem e favorecem a sensibilidade e a criatividade das crianças através do envolvimento com a arte.

4. Considerações finais

Os ambientes citados neste relato de experiência enfrentam problemas sociais e ambientais que são provocados pelas circunstâncias nas quais estão inseridos. Um desses problemas é a forma como os moradores lidam com os animais que têm acesso aos residenciais, como os animais que foram abandonados ou que vivem soltos e acabam sendo maltratados por causar prejuízos. Nesse sentido, a Educação Ambiental para a Saúde Única torna-se uma aliada no processo de favorecer a formação de valores e promover o cuidado e respeito pelos animais, bem como pelo ambiente.

Nossa proposta foi trabalhar o respeito aos animais, levantando pontos relevantes da didática sensível, tornando a prática um processo educativo que prioriza o cuidado, a potencialidade lúdica e a valorização das construções artísticas. Como resultado, percebemos que unir Arte e Ciência, sem reduzir e segmentar o conhecimento, pode melhorar a qualidade da educação oferecida às crianças e oportunizar que os professores, no ensino não formal, possam ir além das rotinas e burocracias que estão submetidos dentro do ambiente escolar.

Ao analisar as atividades realizadas ao longo das oficinas didáticas, observamos elementos que, a nosso ver, são contribuintes para a relação das crianças com os animais. É interessante registrar que os sentimentos expressos, em vários momentos, não só nas palavras e desenhos, mas também os aspectos não verbais, remetem a importância de falar sobre a relação do homem com os animais de estimação e evidenciar os aspectos positivos. Além disso, foi possível perceber o potencial educativo de um ambiente não formal de ensino, sendo evidenciada a possibilidade de diversificar a forma de abordar conteúdos, considerando as particularidades do público-alvo e do ambiente.

Outro indicador de sucesso que vale a pena salientar é que essa temática parece despertar o interesse das crianças, e isso pode estar relacionado com o fato de que os animais estão cada vez mais presentes na vida das pessoas, fazendo com que essa relação se torne significativa. Então, as crianças se sentiram confortáveis em se expressar e foi possível observar diferentes manifestações do cuidado com os animais, ficando explícito que os animais são capazes de estimular as interações.

Partimos da premissa de que há elementos que podem ser conduzidos pelo professor mediador do conhecimento, cabendo a nós reforçar os bons hábitos de convivência com animais e mostrar uma visão diferente daqueles animais, que costumam ser vistos como vilões. Também acreditamos que abordar a Saúde Única e o respeito aos animais deveria ser uma constante, para favorecer o estabelecimento de relações e sentimentos com todos os seres vivos, principalmente aqueles do contexto urbano que estão em situação de vulnerabilidade e suscetíveis a maus tratos.

Por fim, a partir da nossa experiência, é possível inferir a possibilidade de atividades lúdicas e artísticas para trabalhar com Educação Ambiental visando promover a Saúde Única em um processo participativo, pois isso privilegia expressões consideradas artísticas e o desenvolvimento criativo, permite a construção de conhecimentos a partir do imaginário, envolve conteúdos científicos e a criança tem plena liberdade para se expressar e opinar sobre os temas abordados.

Referências

- BULGRAEN, V. C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010. Disponível em: www.moodle.cpsctec.com.br/capacitacaopos/mstech/pdf/d3/aula04/FOP_d03_a04_t07b.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.
- CARDOSO, M. C.; SOUZA, A. L. S.; SILVA, M. V. A ludicidade na cidade de Jequié-BA: Espaços e tempos de lazer e aprendizagens para crianças. **Seminário Gepraxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 7, n. 7, p. 1097-1112, maio, 2019. Disponível em: anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/viewFile/8221/7889. Acesso em: 27 set. 2020.
- CARMO, M. M.; MENEZES, K. M. Espaço de educação não formal: um campo de ação que potencializa a educação formal. **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.7, p. 50597-50608, jul. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/13813/11558>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- CASCAIS, M. G. A.; FACHÍN-TERÁN, A. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. **Ciência em tela**, v.7, n.2, 1-8p., 2014. Disponível em: www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0702enf.pdf. Acesso em: 23 jul. 2021.

CIRNE, F. S. L.; CABRERA, J. G. P. Ações em Saúde Única para redução de parasitoses infantis: revisão integrativa de literatura. **Revista Saber Digital**, v.12, n.2, p. 136-149, 2019. Disponível em: revistas.faa.edu.br/index.php/SaberDigital/article/view/802/588. Acesso em: 27 jun. 2021

COX, M. **Desenho da criança**. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

D'ÁVILA, C. M. **Didática sensível: Contribuição para a Didática na Educação Superior**. Ed Cortez, (no prelo), 137p.

D'AVILA, C. M. Razão e sensibilidade na docência universitária. **Em Aberto**. Brasília. v. 29, n. 97, p. 103 -118, set./dez, 2016. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/44086/1/Em_Aberto.pdf. Acesso em: 27 set. 2020

D'ÁVILA, C. M. Reverberações do raciovitalismo didático nos ateliês de formação de professores universitários: uma pesquisa formação realizada na Universidade Federal da Bahia. Congresso Ibero-Americano de Docência Universitária – CIDU (10: 2019: Porto Alegre, RS). **Anais....** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. Acesso em: 27 set. 2020.

FAGIONATO-RUFFINO, S.; IKUNO, K. E.; RUFFINO, P. H. P. Criança e animais silvestres - a fala de crianças de 4 e 5 anos sobre a exposição "Bicho quem te viu quem te vê!". **XI Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 11, n. 4, 2015, pp. 155-168. Disponível em: https://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum_Ambiental/article/viewFile/1282/1302. Acesso em: 27 set. 2020.

LAMBACH, D.R.; FERREIRA, F.M. O direito dos animais de companhia. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 13, n.2, p.24-39. Salvador, mai-ago 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/RBDA/article/viewFile/27939/16590>. Acesso em: 01 fev. 2021.

LOPES, M.C. **Brincar Social Espontâneo na Educação de Infância**: Um Estudo. Lisboa: Editora Civitas Aveiro, 2016.

MARISCO, G.; LISBÔA, D.K.M. Mediação didática lúdica: uma experiência com a produção de desenhos e reutilização de materiais reciclados. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 14, 20 de abril de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/14/mediacao-didatica-ludica-uma-experiencia-com-a-producao-de-desenhos-e-reutilizacao-de-materiais-reciclados>. Acesso em: 27 mai. 2021

OSELLI, H. A.; CONTE, A. W. A utilização da educação Ambiental como instrumento de conscientização voltado para a extinção das formas de exploração animal. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v.14, n.1, p.89-112, jan-abr 2019. Disponível em: <https://cienciasmedicas-biologicas.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/30728/18206>. Acesso em: 24 mai. 2021.

SILVA, A. M. T. B. et al. Ciência e arte: um caminho de múltiplos encontros. **Revista Interacções**, n. 44, p.7-18, 2018. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/4109/pdf>. Acesso em: 02 fev. 2021.

Sobre os autores

Danielle Ribeiro Rocha:

Bióloga licenciada e mestra em Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

email: daniellerocha_01@hotmail.com

Gabriele Marisco:

Bióloga licenciada e doutora em Biotecnologia de recursos naturais (RENORBIO). Docente Titular A da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

E-mail: gabrielemarisco@uesb.edu.br

Recebido em: maio de 2021

Publicado em: outubro de 2022
